



**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA
EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NA ESCOLA**

BODY PRACTICES OF ADVENTURE
IN PHYSICAL EDUCATION
CLASSES AT SCHOOL

PRÁCTICAS CORPORALES DE AVENTURA
EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA
EN LA ESCUELA

*Alexander Klein Tahara,¹
Suraya Cristina Darido²*

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa teve como objetivo propor uma discussão e reflexão acerca da relação entre a educação física escolar e as práticas corporais de aventura enquanto um possível conteúdo da área. Foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema e estabeleceu-se três categorias de análise para facilitar as discussões que envolvem esta área de estudo: definições terminológicas acerca das práticas; por que ensinar na escola – objetivos e dificuldades acerca da inserção das práticas; e por fim, o que é ensinado nas aulas com o conteúdo das práticas corporais de aventura.

Palavras-Chave: Práticas corporais de aventura. Educação física. Escola.

ABSTRACT

This qualitative study aimed to propose a discussion and reflection about the relationship between the school physical education and body practices of adventure as a possible content area. A literature review on the subject was conducted and it was established three categories of analysis to facilitate discussions surrounding this area of study: terminology definitions about the practices; Why teach in school - goals and difficulties about the inclusion of practices; and finally, what is taught in school classes with the contents of the body practices of adventure.

Key-Words: Body practices of adventure. Physical education. School.

RESUMEN

Este estudio cualitativo tuvo como objetivo proponer una discusión y la reflexión sobre la relación entre la Educación Física Escolar y prácticas corporales de aventura como una posible área de contenido. Una revisión de la literatura sobre el tema se llevó a cabo y se estableció tres categorías de análisis para facilitar los debates en torno a este área de estudio: definiciones terminológicas sobre el prácticas; Por qué enseñar en la escuela - objetivos y dificultades sobre la inclusión de la prácticas; y, por último, lo que se enseña en las clases de la escuela con el contenido de la prácticas corporales de aventura.

Palabras-Clave: Prácticas corporales de aventura. Educación física. Escuela.

¹Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, Bahia - Brasil

² Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo - Brasil

Contato: alexipatinga@yahoo.com

Submetido em: 02 nov. 2015 - **Aceito em:** 11 maio 2016



INTRODUÇÃO

As discussões que tangenciam as temáticas referentes ao meio ambiente, à natureza e às práticas corporais de aventura (PCA)³ vem consolidando-se junto à comunidade acadêmica e científica nos últimos anos, e não poderia ser diferente em relação à Educação Física. Desta forma, torna-se viável investir esforços no sentido de promover um debate e reflexão para que haja cada vez mais uma (possível) inserção destas práticas de aventura e desses temas no âmbito das aulas escolares.

Entretanto, tal inserção pode não parecer tão fácil, haja vista o predomínio de determinados conteúdos, como comentam Darido e Rangel,² ao fazer referências às modalidades hegemônicas nas aulas de Educação Física escolar (futebol, voleibol, basquetebol e handebol). As autoras dizem que os professores tendem a abordar apenas aqueles conteúdos que possuem maior domínio, o que torna, muitas vezes, as aulas de Educação Física restritas e vinculadas a esses esportes coletivos, deixando de lado outros componentes relevantes da cultura corporal de movimento.

Os conteúdos da cultura corporal de movimento cumprem a tarefa de transmitir uma tradição de práticas corporais construída historicamente na área de conhecimento da Educação Física, permitindo também que os educandos se apropriem e se enriqueçam com eles. Muitos desses conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento foram incorporados pela Educação Física em seus conteúdos, como o esporte, o jogo, a luta, a dança e a ginástica, que têm em comum a representação corporal de diversas culturas humanas com características lúdicas e que também podem ser executadas com fins de lazer; promoção da saúde, por fatores estéticos, como meio de comunicação e expressão ou para o rendimento esportivo. Entretanto, por outro lado, estes conteúdos devem ser sempre renovados e contextualizados para que sejam atuais e significativos aos alunos.

³ Neste trabalho foi adotado a terminologia práticas corporais de aventura (PCA), assim como entendem Franco, Cavasini e Darido,^{1:105} no sentido que esta terminologia pode “dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares”, sendo que as PCA podem ocorrer tanto no meio urbano ou diretamente na natureza. Pelo fato de que na literatura específica se encontra termos distintos para designar tais práticas, no decorrer deste trabalho será mantida a terminologia original utilizada por cada autor referenciado.



González e Fensterseifer³ entendem que as acrobacias, a dança, o esporte, as lutas, entre outros, podem ser encaradas como práticas corporais que fazem parte do campo de estudo da Educação Física, evidenciando também neste conjunto as PCA na natureza. Os autores acrescentam que a Educação Física enquanto componente curricular deve ocupar-se com o estudo do conjunto de práticas corporais sistematizadas que se vinculam com o campo do lazer, ao cuidado do corpo e à promoção da saúde, incluindo-se então os conteúdos que remetem às práticas de aventura.

As rápidas mudanças e transformações da sociedade atual fazem com que os professores de Educação Física que trabalham na escola repensem formas de contextualizar os conteúdos da referida área entre os alunos, conforme relatam Pereira e Armbrust.⁴ Torna-se necessário tentar oportunizar sempre aulas prazerosas e diversificadas em relação às vivências. A inserção dos esportes radicais em ambiente escolar pode ser uma boa maneira de abordagem da temática do meio ambiente em aula de Educação Física, além do fato de poder referenciar muitas modalidades de aventura como um novo conteúdo entre os alunos.

Franco⁵ explicita as atividades físicas de aventura como uma realidade em nossos dias, ocupando um espaço considerável nos meios midiáticos, nos passeios entre amigos e familiares, além das competições e reproduções lúdicas em parques temáticos. Acrescenta que essa relação da aventura com os seres humanos faz parte da nossa evolução histórica nas práticas corporais e, por isso, tal temática poderia e deveria ser enfatizada dentro das aulas de Educação Física na escola.

Alves e Corsino⁶ acreditam ser necessária a inclusão nos currículos escolares de atividades contemporâneas e desafiadoras, possibilitando uma maior diversificação de conteúdos. Os esportes de aventura podem oferecer novos e significativos desafios tanto para os alunos quanto para os professores, podendo ser compreendidos como vivências capazes de contemplar os princípios norteadores da cultura corporal de movimento, apresentando-se como um tema de grande relevância para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar.

Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: Será que as PCA se caracterizam como uma categoria de conteúdo da Educação Física escolar? Por qual(is) motivo(s) ou objetivo(s)



ensinar as PCA na escola? Quais as dificuldades que permeiam esta possível inserção em aulas escolares? O que tem sido ensinado com este conteúdo nas aulas de Educação Física? Como tem sido tratado academicamente este conteúdo em periódicos científicos da área? Como outros países têm se referido e tratado esse conjunto de conhecimentos em âmbito educacional?

Tendo em vista a intenção e necessidade de promover uma reflexão acerca da inserção das PCA no contexto escolar, este trabalho teve como foco principal realizar um levantamento bibliográfico e promover discussões acerca da (possível) inserção destas práticas em aulas de Educação Física, em nível nacional e também em outros países.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que a intenção foi realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a relação das PCA e a área da Educação Física escolar, visando qualificar e discutir os artigos, capítulos de livro e demais trabalhos publicados sobre este tema.

Para tanto, foi feita uma busca na base de dados online de periódicos nacionais da área da Educação Física, todos reconhecidos pelo portal QUALIS/CAPES e classificados com estrato entre A2 e B5 (o ano-base de referência no portal corresponde ao ano de 2015), visando obter estudos que discutem e relacionam as PCA e a Educação Física escolar. Assim como também utilizando o Google Acadêmico para direcionar a outros trabalhos e capítulos de livro. A pesquisa na base de dados foi feita com a inclusão das seguintes palavras-chave: *práticas corporais de aventura, Educação Física escolar, aulas e aventura*, e uma combinação entre elas. Todos os trabalhos que realçavam tal relação foram considerados para análise e discussão neste artigo.

No caso da literatura internacional, a pesquisa foi feita utilizando o Google Acadêmico, sendo então direcionado aos sites dos respectivos periódicos a partir de um trabalho listado. Foi utilizado as seguintes palavras-chave: *outdoor education, outdoor adventure education, outdoor recreation, adventure education, e outdoor activitie*.

Ressalta-se que não foi adotado nenhum recorte temporal específico para esta pesquisa, uma vez que a produção científica envolvendo as PCA e a Educação Física escolar ainda é



bastante tímida, embora percebe-se um crescente nesse sentido tomando por base os últimos dez anos. Diante disso, não houve exclusão de nenhum trabalho pela questão temporal ou outro motivo, bastando apenas retratar as temáticas envolvidas.

Thomas, Nelson e Silverman⁷ entendem que um aspecto muito importante da pesquisa qualitativa é o conteúdo interpretativo e a ênfase na essência do fenômeno, buscando compreender o significado de uma experiência dos participantes, em um ambiente específico, bem como o modo como os componentes se mesclam para formar o todo.

A importância da realização desta pesquisa bibliográfica sobre as PCA e a Educação Física escolar deve ser atribuída, assim como evidenciam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder,⁸ a uma revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novas reflexões e pensamentos, sendo aspecto essencial na construção de conhecimentos capazes de influenciar e contribuir no desenvolvimento teórico-metodológico da área de estudo.

Ademais, foram construídas três categorias de análise para facilitar as discussões que envolvem esta área de estudo, quer sejam: definições terminológicas acerca das PCA; por que ensinar na escola: objetivos, motivos e dificuldades acerca da inserção das PCA; e por fim, o que é ensinado nas aulas com o conteúdo das PCA.

DEFINIÇÕES TERMINOLÓGICAS ACERCA DAS PCA

No que tange às diferenças terminológicas acerca das PCA, percebe-se que este conjunto de práticas recebe denominações diversas em citações e referências de pesquisas e trabalhos realizados em âmbito nacional. Os “esportes de aventura” são citados por Pereira e Armbrust,⁴ as “atividades físicas de aventura” por Franco,⁵ os “esportes radicais” mencionados por Uvinha,⁹ as “AFAN - atividades físicas de aventura na natureza” por Betrán,¹⁰ os “esportes na natureza” investigados por Dias,¹¹ entre outras terminologias.

Sobre esta questão, Dias e Alves Júnior¹² comentam que ao se realizar uma revisão bibliográfica pode-se encontrar o emprego de muitos termos utilizados para designar e caracterizar essas práticas, havendo pouco consenso na academia. A dificuldade de se elaborar um conceito que possa definir e caracterizar com alguma precisão tais práticas acaba



criando uma dificuldade adicional para suas investigações. O fato é que são muitos conceitos empregados para designar, na verdade, um mesmo objeto de estudo.

Nesse mesmo sentido, Franco, Cavasini e Darido,¹ ao referenciar os termos que descrevem as práticas relacionadas à aventura, citam que há muitas denominações existentes na literatura, tais como esportes californianos, esportes radicais, esportes de ação, esportes extremos, entre outros que frequentemente aparecem citados em artigos e produções da área, pois ainda não há um consenso definitivo dentro da respectiva área de conhecimento.

No caso de quatro trabalhos que enfatizam as PCA em ambiente escolar, também há esta divergência quanto à utilização dos termos.

Guimarães et al.¹³ fizeram referência aos “esportes de aventura na natureza” como uma possibilidade de tratar o tema meio ambiente de forma transversal na escola, enquanto Franco⁵ menciona as “atividades físicas de aventura” como um conteúdo que deveria ser tratado em aulas de Educação Física, haja vista a representatividade destas práticas na sociedade atual.

Alves e Corsino⁶ investigaram o “esporte de aventura” *parkour*, propondo reflexões sobre a inclusão dessa modalidade na Educação Física escolar, sendo que Armbrust e Silva¹⁴ adotaram o uso da nomenclatura “esportes radicais”, os quais vêm atraindo o interesse de crianças em idade escolar e mostrando seu potencial educativo.

Em relação à produção científica internacional, verifica-se que a terminologia utilizada com mais frequência é a *outdoor education*, ou seja, as experiências de educação ao ar livre, como em Zink e Boyes,¹⁵ Martin,¹⁶ Karppinen,¹⁷ White,¹⁸ Andkjaer,¹⁹ Scrutton,²⁰ entre outros estudos, onde neste tipo de educação há também ações pedagógicas ligadas à área de conhecimento da Educação Física, como a vivência de algumas modalidades de aventura, como canoagem, *trekking*, montanhismo, *parkour*, entre outras.

Ademais, há mais de um termo que serve para designar tal tipo de educação, como *outdoor adventure education*, *outdoor recreation*, *adventure education*, *outdoor activities*, entre



outros, sendo frequente encontrar os mesmos textos e artigos utilizando-se diferentes terminologias nas buscas realizadas em bases de dados.

Zink e Boyes¹⁵ entendem por *outdoor education* a prática de levar os alunos em ambientes livres para fins educacionais, implicando na vivência de atividades ao ar livre, bem como experiências em recintos fechados. A diversidade dessas atividades é ampla e pode incluir estudos relacionados com a educação ambiental, realização de visitas a instalações industriais, museus e centros históricos, além de outros locais de interesse da educação, juntamente com o desafio em acampar, caminhar em meio a matas, remar em lagoas e demais oportunidades de atividades de aventura ao ar livre.

Ao referenciar o caso de Ontário no Canadá, Borland²¹ enfatiza que cinco vertentes moldaram o processo de educação ao ar livre nesta localidade: educação agrícola, educação ambiental, educação ecológica, adaptação às mudanças climáticas futuras, assim como a educação pela aventura. Esta última também pode ser oferecida como programas para grupos escolares, onde os educadores têm condições em descrever de forma mais clara o papel da educação ao ar livre no sentido de melhorar a sociedade, promovendo a conscientização dos educandos sobre as relações dos seres humanos com o meio ambiente natural.

A educação ao ar livre, por meio de cursos de expedição, de acordo com Kunreuther e Ferraz²² ainda acontece de forma tímida no Brasil. Neste tipo de formato, como uma experiência educacional contínua, alunos e instrutores percorrem áreas em ambientes naturais e podem ter uma estadia que dure mais do que um pernoite. Salienta também que tal tipo de educação é bastante utilizado como ferramenta pedagógica em diferentes países, especialmente através de modalidades como o montanhismo, canoagem, cavalgadas, esqui na neve, iatismo, entre outras modalidades de deslocamento pela natureza.

No que concerne ao âmbito acadêmico-científico da Educação Física nacional, inicialmente a abordagem e debate acerca da temática das PCA ficaram a cargo dos pesquisadores da área do lazer, como em Bruhns,²³ Uvinha,⁹ Schwartz,²⁴ entre outros, uma vez que houve a necessidade de compreensão dessas vivências como manifestações da cultura do tempo livre dos indivíduos.



Entretanto, não menos importante deve ser um debate educacional na tentativa de atrelar as práticas corporais de aventura - seja diretamente na natureza ou mesmo em meio urbano - ao contexto das aulas escolares. Especialmente no que se relaciona à área da Educação Física, cujo universo tem se ampliado para além das vivências puramente esportivas e tecnicistas, em direção a novos segmentos de prática, torna-se necessário investir esforços no sentido de se compreender essas (novas) tendências educacionais que se relacionam à aventura e suas práticas corporais.

E é justamente sobre este debate educacional que se propõem alguns autores, tais como DeJager,²⁵ Pereira e Armbrust,⁴ Franco,⁵ White,¹⁸ Alves e Corsino,⁶ Fernández-Río e Suarez,²⁶ Williams e Wainwright,²⁷ entre outros. Começa-se a focar olhares e permear discussões importantes para a área da Educação Física escolar, especialmente no que tange ao “por que” da abordagem do conteúdo das PCA.

POR QUE ENSINAR NA ESCOLA: OBJETIVOS, MOTIVOS E DIFICULDADES ACERCA DA INSERÇÃO DAS PCA

Em virtude da gama de opções de conteúdos da área da Educação Física que poderiam ser ministrados no desenvolvimento das aulas na escola, tem-se a clareza de que os alunos deveriam ter o direito em conhecer a cultura corporal de movimento e suas múltiplas possibilidades de abordagem, aumentando desta forma seus entendimentos, novas experiências de leitura de mundo e outras formas de experimentação de práticas para uma futura adesão em sua vida adulta e em momentos de lazer

Torna-se importante comentar que em nível nacional, ao haver menção acerca dos objetivos e motivos de inserção das PCA em aulas de Educação Física escolar, alguns autores como Armbrust e Silva;¹⁴ Alves e Corsino⁶ relacionam tais práticas como conteúdos pertencentes à cultura corporal de movimento. Enquanto uma quantidade mais expressiva de autores, tais como Galvão, Rodrigues e Silva;²⁸ Guimarães et al.;¹³ Paiva e França;²⁹ Figueiredo et al.;³⁰ Franco, Cavasini e Darido,¹ entre outros, entendem que o professor pode contextualizar e vivenciar as PCA junto aos alunos, tratando-as como parte das discussões que envolvem a temática acerca do meio ambiente.



Ao traçar relações com o tema transversal do meio ambiente, Galvão, Rodrigues e Silva²⁸ refletem sobre a importância da presença dos esportes de aventura na escola, onde as discussões surgidas no decorrer das aulas, motivadas muitas vezes pela mídia ou mesmo por vivências extra-escola, podem ser abordadas pelos professores de diversas maneiras. A participação neste tipo de prática, especialmente àquelas realizadas junto à natureza, podem representar uma possibilidade de aproximação maior entre os alunos e questões acerca do meio ambiente, sendo possível vivenciar, por exemplo, manifestações como o *trekking*, *mountain bike*, escalada *indoor*, surfe, entre outros.

Franco, Cavasini e Darido¹ salientam que nenhum dos conteúdos da Educação Física se aproxima tanto das abordagens relacionadas à educação ambiental quanto as PCA. Evidencia-se uma oportunidade da utilização desses conteúdos para inserção neste campo, uma vez torna-se possível relacionar as PCA com o tema transversal meio ambiente. Estas práticas podem gerar discussões quanto à sustentabilidade, reutilização de materiais, impactos ambientais, ações (in) desejadas feitas pelo ser humano perante o meio ambiente, levando os alunos a refletirem e debaterem sobre os preceitos da educação ambiental.

Guimarães et al.¹³ comentam que as aulas de Educação Física escolar em geral centram-se em propostas de práticas esportivas visando mais as competições e o treinamento esportivo das modalidades. Tais práticas podem acarretar, de um lado, a desmotivação para as aulas e, por outro, a exclusão, em que só os mais aptos e técnicos participam. Os conteúdos da Educação Física devem ser ensinados em atividades variadas, pautadas em propostas transversais, sendo que assim os professores podem atender às expectativas dos alunos, proporcionando elaboração de conhecimento que irá além do desenvolvimento de habilidades motoras.

Os referidos autores^{13:168} acrescentam a importância dos esportes da natureza como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas no sentido de que eles “... são excelentes possibilidades de fundir os conteúdos da educação física e a temática ambiental, buscando a vivência concreta de práticas essenciais à vida do ser humano”.

Paiva e França²⁹ salientam que a participação em trilhas interpretativas, isto é, a realização de um *trekking* em meio natural com informações importantes sobre aspectos peculiares da fauna e flora locais, podem permitir uma maior integração de diferentes campos do



conhecimento, tais como Biologia, Ecologia, entre outros. Desta forma, as trilhas interpretativas propostas pela área da Educação Física tornam-se uma experiência de transversalidade ao promover múltiplas atividades propostas, enfatizando a sensibilização de percepções e interpretações acerca da educação ambiental.

Em relação aos objetivos e motivos de inserção das PCA como conteúdos pertencentes à cultura corporal de movimento, embora o estudo de Alves e Corsino⁶ tenha adotado como metodologia uma pesquisa bibliográfica sobre a modalidade, pode-se refletir acerca de considerações importantes acerca da referida cultura e a tentativa de se inserir o *Parkour* nas aulas. Desta forma, haveria um desafio tanto para alunos quanto para professores experimentarem um novo conteúdo da Educação Física Escolar.

Armbrust e Silva¹⁴ entendem que nos esportes radicais é possível visualizar uma gama de competências que estas experiências podem desenvolver nos alunos, sendo que tais esportes podem favorecer um melhor enriquecimento do acervo cultural dos alunos. Os autores visualizam os esportes radicais como um excelente norteador da renovação dos conteúdos e das práticas escolares, propiciando apropriação e produção de conhecimentos, valores e atitudes atrelados a estas práticas radicais, tão em moda na cultura dos dias atuais. Entretanto, os autores também mencionam que os esportes radicais são uma possibilidade de aproximar as discussões acerca do meio ambiente, isto é, fazem menção às PCA tratadas tanto no âmbito da cultura corporal de movimento como de forma transversal.

Conforme relata Darido³⁰, quando se pretende dar ênfase aos conteúdos norteadores da Educação Física, com o propósito de favorecer um aprendizado integral, torna-se necessário enfatizar as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais dentro da prática pedagógica dos professores no universo escolar.

E no caso das PCA, Pereira e Armbrust⁴ propõem que os ditos esportes radicais devem levar em conta as três dimensões de conteúdos quando houver a abordagem - conceitual, procedimental e atitudinal - com o propósito de permitir uma prática pedagógica coerente e que acarrete um aprendizado significativo aos alunos.



Dentro da dimensão conceitual pode abordar os aspectos históricos das modalidades, os equipamentos e demais apetrechos, os atletas famosos, os principais locais de prática e seu contexto geográfico e histórico, além de discussões inerentes às questões ambientais, entre outros. Na dimensão procedimental, pode-se dar ênfase nas técnicas de movimentos e de segurança, adaptações necessárias das modalidades para cada faixa etária, condições da escola para possíveis imprevistos que possibilitem a prática, entre outros. Por fim, quando se pensa na dimensão atitudinal, valores formativos como respeito às normas de segurança, ética nas modalidades, relações sociais e psicológicas inerentes às práticas (cooperação, coragem, liderança, gestão de conflitos, etc.) vem à mente para que os alunos possam compreender isto da maneira mais crítica e reflexiva, para que realmente os benefícios advindos na vivência das PCA possam vir de forma mais recorrente.

No caso da literatura internacional, a *outdoor education*, ou seja, a educação ao ar livre é um recurso pedagógico utilizado com frequência em muitos países, tais como Nova Zelândia, Austrália, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Finlândia, Escócia, Espanha, entre outros, haja vista as pesquisas realizadas por Zink e Boyes,¹⁵ Martin,¹⁶ White,¹⁸ Morley et al.,³¹ Borland,²¹ Karppinen,¹⁷ Scrutton,²⁰ Fernández-Río e Suarez,²⁶ entre outros.

Gregg³² evidencia que programas educacionais ao ar livre, usando excursões de vários dias, tendem proporcionar aos alunos experiências enriquecedoras de distanciamento familiar. Faz-se uso de atividades de cooperação e resolução de problemas para desenvolver a comunicação e habilidades sociais, relacionadas especificamente para que o grupo possa atingir as metas do curso. A programação deve permitir aos alunos combinar aspectos intelectuais, emotivos e físicos na sua aprendizagem, sendo alguns exemplos de objetivos do curso o aprendizado sobre as habilidades de sobrevivência na selva, aptidão física, atividades de cooperação e de vivências de modalidades de aventura, além de debates que cercam as questões ambientais, entre outros.

Nesta mesma linha de raciocínio, White¹⁸ explicita que as oportunidades de aprendizagem em experiências de educação ao ar livre são vistos com bons olhares por serem capazes de incentivar a promoção e fomento de aspectos positivos da vida das crianças e dos jovens, os quais podem ter maneiras saudáveis de interagir e se comunicar entre eles através da



utilização e vivências em atividades com base na aventura, tais como a participação em acampamentos, canoagem, escalada, caminhadas em meio à natureza, entre outros.

Ao analisar a inserção dos conteúdos de aventura nos currículos das escolas do Reino Unido, Williams e Wainwright²⁷ reconhecem a pouca inserção destes conteúdos em detrimento a práticas mais tradicionais, embora a aventura tenha um potencial educativo importante de ser considerado. Acrescentam que há quatro características centrais das práticas de aventura e está relacionada às possibilidades de serem praticadas ao ar livre, promoverem experiências significativas de aprendizagem, ser desafiadora e apresentarem o risco controlado. Por fim, remetem à indicação de que por meio destas práticas os alunos podem assumir mais responsabilidade por seu próprio aprendizado, apoiando os processos de tomada de decisão e tornando-os mais motivados para as aulas.

A realização de cursos com manuseio de cordas e em técnicas verticais pode ser visto como uma expressão cultural da educação ao ar livre na Nova Zelândia, como afirma Andkjaer¹⁹. É possível através destes cursos, de uma forma muito controlada e eficaz, conseguir envolver as crianças e os jovens em desafios, a fim de projetar uma situação de risco controlado, uma relação significativa com a natureza e oportunizar novas experiências corporais. Ademais, a prática pedagógica parece muito focada no desenvolvimento de habilidades humanas pessoais e numa aprendizagem baseada no trabalho em equipe, bem como no favorecimento das relações sociais dos indivíduos envolvidos na proposta.

Karppinen¹⁷ também apresenta argumentos favoráveis de que a aprendizagem da aventura ao ar livre contribui para a educação formal, sendo compatível com os objetivos da prática escolar e da área da Educação Física. Torna-se importante para a educação utilizar a natureza como um contexto para a aprendizagem e desenvolvimento da consciência ecológica.

A educação ao ar livre ou mesmo a vivência de modalidades de aventura dentro da escola proporcionam oportunidades de tarefas cooperativas entre os alunos, conforme aborda DeJager.²⁵ Tal tipo de atividade proporciona aos alunos experiências significativas e prazerosas, pois a dinâmica de suas ações requer uma necessidade de resolução de conflitos e problemas. Estas ações demandam iniciativas, as quais, juntamente com o esforço pessoal e a disciplina, tornam-se fundamentais na realização de trabalhos em grupo.



Em suma, quando se pensa na relação entre as práticas corporais de aventura e as aulas de Educação Física na escola, torna-se possível proporcionar estímulos apropriados às diferentes etapas da vida, desde o segmento infantil ao ensino médio. Durante toda esta trajetória das crianças e jovens no cotidiano escolar, é pertinente que os professores tenham propostas condizentes ao favorecimento de um desenvolvimento integral dos educandos, valorizando seu acervo motor, cognitivo, afetivo-social e cultural, bem como ter a capacidade em ajustar e adequar os estímulos às expectativas e níveis de interesse dos alunos.

Embora as pesquisas citadas anteriormente discutam benefícios acerca da participação em práticas corporais de aventura no ambiente escolar, ressalta-se que existem também outros estudos que evidenciam que haverá muitas dificuldades e empecilhos que podem complicar a plena inserção destas práticas como um conteúdo da Educação Física a ser desenvolvido durante as aulas escolares.

Capaverde, Medeiros e Alves³³ idealizaram uma pesquisa com o intuito de verificar se os esportes de aventura são abordados nas aulas de Educação Física na cidade de Osório/RS. Foram questionados 18 professores do ensino fundamental e médio, pertencentes à rede municipal, estadual e particular de ensino da referida cidade e, os resultados desta investigação indicam que embora alguns professores pretendessem aplicar algumas modalidades dos esportes de aventuras em suas aulas, os mesmos justificam como motivos de não tratarem a questão da inviabilidade econômica na compra de materiais e as instalações físicas que não permitem a prática. Os autores, ainda, justificam que falta uma qualificação profissional, o interesse em buscar um novo conteúdo educacional para seus alunos e isso deve partir de cada professor interessado (ou não) em suas aulas.

A escalada, segundo Auricchio,³⁴ já é uma modalidade aceita em algumas escolas da cidade de São Paulo que inclusive adquiriram a parede de escalada e todos os demais equipamentos de segurança, porém esta modalidade está junto com as aulas extra-curriculares, não fazendo parte do conteúdo das aulas de Educação Física. Como empecilho, cita-se o não conhecimento por parte dos professores de Educação Física escolar sobre as técnicas da escalada e demais modalidades de aventura, as quais inibem o seu uso durante as atividades nas aulas.



No caso das atividades físicas de aventura na natureza como possíveis práticas educativas na Espanha, Betrán e Betrán³⁵ esclarecem que as mesmas não estavam presentes no projeto curricular da maioria dos centros de Ensino Médio, ainda que exista interesse dos professores de Educação Física em introduzi-las. Apresentam como fatores que dificulta tal propósito, a falta de recursos, a carência de apoio da escola, a possível recusa das famílias (Associações de Pais e Mestres) por possíveis temores relacionados com os riscos e perigos que estas práticas conotam, gerando muitas dúvidas e silêncio no âmbito educativo.

Soares e Paixão³⁶ entendem que o despreparo de alguns docentes para implantar e avaliar as atividades de aventura pode inibir o seu pleno desenvolvimento durante as aulas de Educação Física, além do custo elevado de alguns equipamentos específicos para a prática de determinadas modalidades. Conquanto, os autores apresentam práticas que não requerem equipamentos específicos, o que por sua vez, facilita sua inclusão em meio escolar, tais como o *trekking*, as corridas de orientação, o *skate*, as caminhadas ecológicas, entre outras, pelo fato de serem atividades esportivas que se adaptam bem à realidade da maioria das escolas públicas brasileiras.

É bem verdade que se formos analisar atentamente as condições físicas e materiais da maioria das escolas públicas brasileiras, torna-se (quase) provável que tais condições não sejam as mais satisfatórias possíveis. E pensando-se no caso das PCA, as quais necessitam de forma verídica de equipamentos sofisticados e locais muitas vezes específicos para a prática, como fazer isso em escolas sem tantas condições adequadas e que permitam a vivência?

Estes realmente são grandes empecilhos ao idealizar a inserção das PCA durante as aulas, assim como a questão relacionada à formação inicial em cursos de graduação. Este tipo de prática passou a ser tratado em âmbito acadêmico-científico há pouco tempo quando comparado à outras práticas historicamente constituídas na área, desta forma, muitos professores que atuam em âmbito escolar não tiveram em sua formação alguma disciplina que tratasse dessas práticas.

Entretanto, aceitar esta situação e “cruzar os braços” pode não ser a atitude mais correta dos professores a ser tomada. Mesmo diante de tais problemas, por que não adaptar e usar a criatividade? Idealizar simulações e vivências para que haja a abordagem das PCA? Não seria



importante para os alunos conhecerem e refletirem sobre este conteúdo? Claro, tudo isso valerá à pena caso os professores queiram mesmo inserir um novo conteúdo da Educação Física junto a seus alunos, oportunizando novas vivências, reflexões e novos aprendizados.

O QUE É ENSINADO NAS AULAS ESCOLARES COM O CONTEÚDO DAS PCA

Este tópico tem a intenção de discorrer sobre o que é efetivamente ensinado nas aulas de Educação Física escolar com o conteúdo aventura, abordando estudos com exemplos práticos do que vem sendo feito em instituições brasileiras. Porém, como já discutido anteriormente, tal conteúdo (infelizmente) ainda não é muito disseminado por professores em escolas do Brasil, embora timidamente já seja possível observar um crescente nesse sentido.

Através de um relato de experiência, Gonçalves Júnior et al.³⁷ citam a modalidade do cicloturismo na escola como alternativa para a execução de um projeto de educação ambiental com alunos da educação básica em São Carlos/SP. A intervenção ocorreu em uma escola de ensino fundamental na referida cidade e, diante da análise dos registros produzidos, percebe-se que o tema gerou interesse dos alunos, suscitou a construção de reflexões significativas sobre a temática ambiental e a possibilidade de usufruto da bicicleta como meio de transporte para o trabalho e para o lazer das pessoas.

A abordagem da escalada no ensino médio, conforme mostram Pereira, Carvalho e Richter,³⁸ por ser considerada uma aula diferenciada, tende a estimular nos alunos a vontade em participar das aulas, criando novos desafios e favorecendo a relação interpessoal entre os alunos e deles em relação aos professores. Além disso, pode gerar benefícios como a elaboração de conhecimento através da expressão corporal, autoconfiança, superação de limites, companheirismo e fomento à educação ambiental.

Franco⁵ comenta que quanto mais modalidades o professor puder adaptar à estrutura de sua escola e quanto mais vivências puder proporcionar aos educandos, mesmo que fora do ambiente escolar, mais amplo será o conhecimento sobre a cultura corporal de movimento a ser elaborados pelas crianças e jovens. Para tanto, exemplifica uma corrida de orientação cooperativa, com utilização de mapas (croqui) dos locais onde processará a atividade, bem



como a criação e uso de bússolas e também de cartas topográficas. Ademais, propõem algumas atividades sobre rodas, como *skate*, patinetes e patins (onde há revezamento no uso dos equipamentos), além da improvisação nos equipamentos de segurança, utilizando-se papelão para confecção de joelheiras, cotoveleiras e caneleiras.

No caso das modalidades aquáticas, pode conseguir câmaras de ar usadas, de pneus de caminhão, por preços acessíveis e transformá-las em material pedagógico para uso em corredeiras e/ou piscinas fazendo alusão, por exemplo, ao boia *cross* e *acqua rider*.

Pereira e Armbrust⁴, de uma forma bem clara e objetiva, enfatizam sequências didáticas acerca de inúmeras modalidades, tais como montanhismo, técnicas verticais, corridas de aventura, *parkour*, *skate*, patins, surfe, mergulho e canoagem. Em cada modalidade apresentam as três dimensões do conhecimento (conceitual, procedimental e atitudinal) e o que o professor poderia explorar em cada um deles no planejamento e desenvolvimento de suas aulas, utilizando-se de criatividade para adaptar e improvisar de acordo com o espaço para ministrar as aulas.

Nesse sentido, Franco, Cavasini e Darido^{1:114} apresentam planos de aulas de práticas corporais de aventura, como a corrida de orientação, *parkour*, *slackline*, arvorismo, *trekking*, entre outros, sugerindo propostas de que os professores possam fazer "... a contextualização das práticas corporais de aventura de algumas modalidades na estrutura de escolas e espaços comuns, característicos da maioria das regiões do Brasil". Os autores ainda enfatizam a importância das PCA em propiciar ao professor a chance de explorar situações relacionadas ao respeito, cooperação entre os pares, vivência de novas experiências corporais, bem como valorização e ética acerca do meio ambiente.

Muitas modalidades necessitam de inúmeros materiais específicos para a referida prática, o que pode dificultar sua execução durante as aulas de Educação Física escolar, como colocam Tahara e Carnicelli Filho.³⁹ Em alguns casos, o próprio professor tem algum tipo de material (ou empresta de conhecidos) por já possuir relativa experiência na modalidade, e aí consegue adaptar uma situação que possibilite aos alunos experimentar algo novo. Entretanto, outras modalidades são bastante simples em sua essência, como é o caso do *trekking*, a corrida de orientação, o *sandboard*, entre outros, o que facilita sua inserção entre os educandos, independente de seus contextos socioculturais. Pode ser realizado em *trekking* (caminhada)



próximo ao entorno escolar, confecção de bússolas, criação de mapas enigmáticos e depois a realização de uma corrida de orientação dentro da própria escola, ou até mesmo a utilização de caixas de papelão para simbolizar pranchas e descer pequenas elevações de terra ou areia, fazendo alusão ao *sandboard*, entre outras maneiras bem simples para vivenciar e conhecer algumas modalidades de aventura.

No que tange ao âmbito internacional, Bernardo e Matos⁴⁰ mostram que diante dos resultados obtidos e dos relatos de satisfação dos participantes de sua pesquisa realizada em Portugal, torna-se possível que programas semelhantes de desporto aventura em meio escolar possam ser uma maneira inovadora, interessante e motivacional de desenvolvimento das auto percepções e de promoção da atividade física entre adolescentes, merecendo olhares constantes de profissionais e pesquisadores da referida área.

White¹⁸ realizou uma pesquisa no Reino Unido sobre a eficácia da educação ao ar livre em facilitar o engajamento dos alunos na vida escolar e cita que tal tipo de experiência foi bem recebido pelas crianças participantes do estudo, bem como por seus pais, professores e administradores escolares. O autor menciona que ao longo do desenvolvimento do programa, os participantes envolveram-se totalmente com os educadores ao ar livre, desenvolvendo a capacidade de assimilar um comportamento mais cooperativo e pró-social; tornando-se mais confiantes na execução das tarefas e mostrando um aumento na confiança, comunicação eficaz e consideração por todos os membros do grupo, os quais são fatores que podem apoiar futuras interações positivas com as famílias e a escola.

Tendo em vista um interesse crescente entre os jovens que se envolvem em atividades não tradicionais, como rapel, *mountain bike*, escalada e *snowboard*, de acordo com Morley et al.³¹ muitas escolas públicas dos Estados Unidos começaram a incorporar a educação ao ar livre em seu currículo de Educação Física como programas pós-escola. Ao participarem dessas atividades, os alunos têm a oportunidade de aprender sobre os benefícios que tais vivências ao ar livre podem lhes proporcionar, além de um despertar para a conscientização dos impactos causados pelo ser humano sobre o meio ambiente natural

Karppinen¹⁷ elucida uma pesquisa realizada na Finlândia, onde as experiências de aprendizagem dos alunos de uma escola pública tiveram duração de 40 semanas, sendo que



as principais conclusões do estudo parecem mostrar que a possibilidade de utilizar o meio ambiente natural como um contexto para a aprendizagem e o desenvolvimento de uma ética ambiental deve ser cada vez mais essencial nos futuros desafios da educação.

Como já dito anteriormente, a prática mais comum nos países estrangeiros de enfatizar a relação entre as PCA e o ambiente escolar se dá via educação ao ar livre como prática extra-curricular. Entretanto, convém ressaltar que alguns estudos que mostram a viabilidade de inserção dessas atividades durante as aulas de Educação Física no período regular de ensino, tais como Bernardo e Matos,⁴⁰ Dejager,²⁵ Fernández-Río e Suarez,²⁶ entre outros.

Bernardo e Matos⁴⁰ relatam o caso de um programa de desporto aventura em meio escolar em Portugal, consistindo na vivência de atividades como escalada e manobras com cordas, orientação, BTT (bicicletas todo-o-terreno), campismo ou tiro com arco. As sessões foram planejadas pelos professores atendendo à segurança de todos os sujeitos envolvidos, sendo que algumas práticas realizaram-se em meio natural e outras vivências nas dependências das próprias escolas onde ocorreu a pesquisa.

Dejager²⁵ evidencia que a escola onde leciona não está localizada em meio natural, não dispõem de materiais específicos como caiaques, bicicletas e/ou cordas de escalada, além de ter uma quantidade considerável de alunos. Assim, a corrida de aventura idealizada teve de ocorrer nas dependências da própria escola, excluindo-se as vivências que necessitavam destes materiais específicos e adicionando-se outros obstáculos que as equipes tiveram que completar durante a prova. Em síntese, fez-se uso das ideias centrais das corridas de aventura, porém com muitas adaptações, novas provas e tarefas diversificadas, sem o risco eminente ou uso de equipamentos sofisticados.

No caso da inserção do *parkour* enquanto conteúdo educativo, Fernández-Río e Suarez²⁶ apresentam uma pesquisa realizada com alunos da sexta série do ensino fundamental pertencentes a uma escola no norte da Espanha. Esclarecem que tal prática pode ocorrer durante as aulas de Educação Física, uma vez que não há a necessidade de equipamentos específicos e, aspectos como cooperação, respeito, integração e auto-disciplina serão trabalhados nas vivências entre os alunos. Ademais, acrescentam que a instituição escola não pode deixar de enxergar estas práticas enquanto novos conteúdos que possam ser ministrados



no desenvolvimento das aulas, uma vez que a popularidade das atividades de aventura cresce constantemente tanto na veiculação pela mídia em geral, bem como na participação de indivíduos de todas as faixas etárias, incluindo crianças e jovens, em diferentes tipos de modalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões propostas, espera-se que tenha ficado claro que existem possibilidades de se conseguir oportunizar uma determinada PCA aos alunos, haja vista que tais práticas compreendem uma série de modalidades em si (aquáticas, terrestres ou aéreas/na natureza ou em meio urbano). Ademais, há variadas maneiras em promover adaptações em algumas práticas a depender do contexto e realidade local da instituição.

Além disso, sabe-se que algumas escolas terão mais ou menos condições físicas, recursos materiais e professores capacitados e comprometidos para que haja a efetiva inserção destas práticas como um conteúdo a ser tratado no âmbito das aulas de Educação Física escolar.

Entretanto, independente dos alunos terem a oportunidade de vivenciar as práticas corporais de aventura como uma prática extra-curricular ou mesmo durante as aulas no período regular de ensino, talvez o mais importante é que esta experiência possa mesmo ser oportunizada às crianças e jovens enquanto um (possível) conteúdo emergente da área da Educação Física.

REFERÊNCIAS

¹FRANCO, Laercio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Org.). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-135.

²DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Conceição Andrade (Org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293p.



³GONZÁLEZ, Jaime Fernando; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, p. 10-21, mar. 2010. Disponível em:

<http://rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/978/561>>

⁴PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

⁵FRANCO, Laercio Claro Pereira. Atividades Físicas de Aventura: possibilidades no contexto escolar. In: DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Educação física escolar**: compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011. p. 265-285.

⁶ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. O *Parkour* como possibilidade para a educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, ano xxv, n. 41, p. 247-257, 2013.

⁷THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

⁸ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

⁹UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

¹⁰BETRÁN, Javier. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202.

¹¹DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Por um programa investigativo para os esportes na natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 1-23, abr. 2008.



¹²DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drumond. Conceptual notes regarding the sports in nature. **FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 76, p. 141-144, 2006.

¹³GUIMARÃES, Simone S. M. et al. Educação física no ensino médio e as discussões sobre meio ambiente: um encontro necessário. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 157-172, maio 2007.

¹⁴ARMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Pluralidade cultural: os esportes radicais na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 281-300, 2012.

¹⁵ZINK, Robin; BOYES, Michael. The nature and scope of outdoor education in New Zealand schools. **Australian Journal of Outdoor Education**, Australia, v. 10, n. 1, p. 11-21, 2006.

¹⁶MARTIN, Peter. Outdoor education and the national curriculum in Australia. **Australian Journal of Outdoor Education**, Australia, v. 14, n. 2, p. 16-18, 2010.

¹⁷KARPPINEN, Seppo J. A. Outdoor adventure education in a formal education curriculum in Finland: action research application. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, Abingdon, v.12, n.1, p. 41-62, 2012.

¹⁸WHITE, Robert. A sociocultural investigation of the efficacy of outdoor education to improve learner engagement. **Emotional and Behavioural Difficulties**, London, v. 17, n. 1, p. 13-23, 2012.

¹⁹ANDKJAER, Soren. A cultural and comparative perspective on outdoor education in New Zealand and friluftsliv in Denmark. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, Abingdon, v. 12, n. 2, p. 121-136, 2012.

²⁰SCRUTTON, Roger A. Outdoor adventure education for children in Scotland: quantifying the benefits. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, Abingdon, v. 15, n. 2, p. 123-137, 2014.



²¹BORLAND, James. Provoking dialogue: a short history of outdoor education in Ontario. **Ontario Journal of Outdoor Education**, Kingston, v. 23, n. 2, p. 32-33, 2011.

²²KUNREUTHER, Flavio Theodor; FERRAZ, Osvaldo Luiz. Educação ao ar livre pela aventura: o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 437-452, abr./jun. 2012.

²³BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.18, n. 2, p. 86-91, 1997.

²⁴SCHWARTZ, Gisele Maria. Emoção, aventura e risco: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, Miria Suzana; PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães (Org.). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 139-168.

²⁵DEJAGER, Dan. Adventure racing CORE: a nontraditional approach to the physical education lesson. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, Reston, v. 77, n. 6, p. 25-33, 2006.

²⁶FERNÁNDEZ-RÍO, Javier. Feasibility and students' preliminary views on parkour in a group of primary school children. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Abingdon, p. 1-14, 2014.

²⁷WILLIAM, Andy; WAINWRIGHT, Nalda. A new pedagogical model for adventure in the curriculum: part two-outlining the model. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 20, n. 4, 2015.

²⁸GALVÃO, Zenaide; RODRIGUES, Luiz Henrique; SILVA, Eduardo Vinicius Mota. Esporte. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. (Org.). **Educação Física no ensino superior: educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p.176-198.



- ²⁹PAIVA, Andréa Carla de; FRANÇA, Tereza Luiza de. Trilhas interpretativas: reconhecendo os elos com a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.109-124, 2007.
- ³⁰DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. (Org.). **Educação física no ensino superior: educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79.
- ³¹MORLEY, Lauril et al. Conviction of the heart: implementing leave-no-trace principles in outdoor recreation: here is a model for teaching students to respect the outdoors. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, Reston, v. 79, n. 7, p. 29-34, 2008.
- ³²GREGG, Amy. Journal assignments for student reflections on outdoor programs. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, Reston, v. 80, n. 4, p. 30-47, 2009.
- ³³CAPAVERDE, Mariane Rech; MEDEIROS, Tiago Nunes; ALVES, Sergio Luiz Chaves. Esporte de aventura nas aulas de educação física: uma alternativa ao alcance dos profissionais? **Vento e Movimento**, Osório, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.
- ³⁴AURICCHIO, José Ricardo. Escalada na educação física escolar: orientação adequada para a prática segura. **Lecturas: educación física y deportes**, Buenos Aires, v. 14, n. 139, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd139/escalada-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 6 out. 2014.
- ³⁵BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN, Alberto Oliveira. Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006. p. 180-209.
- ³⁶SOARES, Camilo José dos Santos; PAIXÃO, Jairo Antônio da. Atividades de aventura e educação ambiental: possibilidades nas aulas de educação física escolar. **Lecturas: educación física y deportes**, Buenos Aires, v. 142, p. 1-1, 2010. Disponível em:



<http://www.efdeportes.com/efd142/atividades-de-aventura-e-educacao-ambiental.htm>. Acesso em: 30 out. 2014.

³⁷GONÇALVES JÚNIOR, Luiz et al. Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL): dialogando a partir do cicloturismo na escola. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1-16, 2011.

³⁸PEREIRA, Dimitri Wuo; CARVALHO, Gisele Santos de; RICHTER, Friedrich. Programa de escalada em rocha como educação física para alunos do ensino médio. In: FONTOURA, Paula. (Org.). **Pesquisa em Educação Física**. Jundiaí: Fontoura, 2008. v. 7. p. 397-402.

³⁹TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

⁴⁰BERNARDO, Rui P. S.; MATOS, Margarida G. Desporto aventura e auto-estima nos adolescentes, em meio escolar. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 33-46, 2003.